

COMISSÃO 500 ANOS: ATIVIDADES NO BIÊNIO 1999/2000

*Fábio Kühn
Eduardo Neumann
Cesar A. B. Guazzelli*

Este texto procura apresentar, de forma sintética e cronológica, as principais atividades realizadas pela Comissão 500 Anos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao longo dos últimos dezoito meses. Essas atividades marcaram a posição da UFRGS e do Departamento de História acerca do debate em torno do Quinto Centenário do Brasil. Originada no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFHC/UFRGS), a Comissão 500 Anos iniciou suas atividades no primeiro semestre de 1999, procurando desencadear um processo de reflexão coletiva acerca da passagem do Quinto Centenário, e pretendeu abarcar as diversas formas de expressão do conhecimento existentes na Universidade.

Durante os anos de 1999 e 2000, a Comissão 500 Anos desenvolveu uma série de atividades, tais como a realização de seminários, exposições, cursos e ciclos de cinema, que pretenderam mobilizar a comunidade acadêmica e o público em geral no sentido da participação nas reflexões sobre o significado dos quinhentos anos de história brasileira. Após três séculos de colonização e dois séculos de existência formalmente independente, a nação brasileira chega ao final do milênio novamente em crise. Novamente, pois as crises políticas e econômicas são endêmicas na nossa história, dado que estamos sempre recomeçando, tentando iniciar um novo projeto de país. A principal pergunta que deveríamos nos fazer neste momento de reflexão seria: afinal, como é possível romper com esse passado injusto, que condena o presente ao imobilismo, quando não ao retrocesso? Assim como o anjo de Paul Klee, que, ao voltar o

Fábio Kühn é professor mestre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, presidente da Comissão 500 Anos.

Eduardo Neumann é professor mestre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, membro da Comissão 500 Anos.

Cesar A. B. Guazzelli é professor doutor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, membro da Comissão 500 Anos.

seu rosto ao passado, não enxerga uma mera cadeia de eventos, mas apenas “a catástrofe, escombros e mais escombros acumulando-se a seus pés”. Em outras palavras, por que motivos, apesar de nossa aparente enorme potencialidade de desenvolvimento e criação, não nos constituímos como uma nação social e economicamente justa. Deixamos de ser o país do futuro para nos tornarmos o país sem futuro?

Desta forma, as atividades da Comissão 500 Anos visaram colocar em andamento o processo de discussão e reflexão sobre a história brasileira, nas suas mais diferentes facetas e possibilidades interpretativas. Acreditamos ser mais apropriado aproveitar o momento não em comemorações festivas ou eventos áulicos, mas em atividades que propiciem os questionamentos e as propostas de transformação. Deste modo, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul integrou-se no esforço de discutir a história brasileira, sugerindo novos caminhos para o futuro, que, apesar de tudo, ainda existe.

As atividades da Comissão tiveram início oficialmente no dia 13 de abril de 1999, com a aula inaugural do IFCH, ministrada pela professora doutora Helga Picollo, intitulada “500 anos de Descobrimento do Brasil – Experiências e Expectativas”. Essa aula foi proferida no Panteon do IFCH, ocasião em que a professora foi homenageada pela direção e professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas pelas quatro décadas de dedicação à universidade pública. Ainda no mês de abril, foi divulgado o resultado do concurso de escolha de logomarca para a Comissão 500 Anos, sendo o trabalho vencedor de autoria de Lucas Levitan. A logomarca vencedora tem sido utilizada no material de divulgação dos eventos e atividades realizadas pela Comissão.

QUESTÕES DE TEORIA E METODOLOGIA DA HISTÓRIA

O simpósio intitulado “Questões de teoria e metodologia da história” realizou-se de 14 a 19 de junho de 1999, organizado pelos professores Benito Bisso Schmidt, Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, Regina Célia Lima Xavier e Sílvia Regina Ferraz Petersen, todos ligados ao setor de Teoria e Metodologia da História, sendo uma promoção conjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

A proposta desse simpósio justificou-se pela permanente necessidade do historiador refletir sobre seu objeto de trabalho, a “história-processo vivido” e os caminhos para convertê-la em “conhecimento históri-

co". Essa justificativa, que tem uma validade permanente, associa-se a outra, própria das circunstâncias das últimas décadas: se, por um lado, o conhecimento histórico enfrenta enormes desafios (que, para alguns, constituiriam uma crise e, para outros, o abraço da pós-modernidade), por outro, em nenhum momento anterior a disciplina revelou tal vitalidade temática e teórica.

Esse evento pretendeu oferecer aos participantes a oportunidade de acompanhar e participar do diálogo sobre alguns aspectos dessa temática e, sob a forma de mesas-redondas, foi desenvolvido por historiadores de diferentes universidades ou instituições de pesquisa e documentação. Essa modalidade de trabalho, cuidadosamente planejada, permitiu que, com custos reduzidos, compatíveis com o momento de restrições orçamentárias que vivemos, fosse oferecido a um público-alvo extenso – a média de assistência às mesas-redondas foi de aproximadamente 250 pessoas – a atualização e a qualificação que os profissionais e estudantes de história requerem permanentemente em suas atividades.

O elenco dos temas das mesas-redondas foi estabelecido a partir do critério de que constituíssem uma incursão em profundidade em questões de teoria e metodologia da história, que não têm sido objeto habitual de eventos similares ou da produção bibliográfica, mas que são de grande importância e interesse para estudantes, professores e pesquisadores de história e áreas afins:

a) *A reflexão teórico-metodológica dos historiadores brasileiros: contribuições para pensar a nossa história.* Mesa coordenada pelo professor Benito Bisso Schmidt (UFRGS), contou com a participação de Ângela de Castro Gomes (UFF), Carlos Fico (UFRJ) e Margaret Rago (Unicamp).

b) *O ensino de teoria e metodologia nos cursos de história.* Mesa sob a coordenação da professora Sílvia Regina Ferraz Petersen, teve ainda a presença de Beatriz Teixeira Weber (UFSM), Eduardo Hourcade (Universidad Nacional de Rosario, Argentina) e Ieda Gutfreind (Unisinos).

c) *A biografia histórica: espaço de confluência de questões teóricas, metodológicas e técnicas do trabalho historiográfico contemporâneo.* Coordenada pela professora Regina Célia Lima Xavier (UFRGS), mostrou trabalhos de Benito Bisso Schmidt (UFRGS), Francisca Lúcia Nogueira de Azevedo (UFRJ) e Magda Ricci (UFPA).

d) *Da história total à história em migalhas: o que se perde, o que se ganha.* Mesa-redonda coordenada pela professora Sandra Jatahy Pesavento (UFRGS), teve também apresentações de Michael J. Hall (Unicamp), José Carlos Reis (UFMG) e Sílvia Hunold Lara (Unicamp).

e) *O livro didático de história, outras experiências de ensino e as referências teórico-metodológicas que comparecem em seus conteúdos.* Mesa sob a coordenação de Claudia Wasserman (UFRGS), contou ainda com a presença de Fernando Seffner (UFRGS), José Rivair Macedo (UFRGS) e Kazumi Munakata (PUCSP).

f) *História no fim do milênio: para quê?* Mesa-redonda coordenada por Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (UFRGS), com a participação de Ana Maria de Oliveira Burmester (UFPR), Eliane Garcindo de Sá (UERJ) e Francisco Carlos Teixeira da Silva (UFRJ).

Os resultados alcançados pelo simpósio motivaram os organizadores a editarem um livro com os textos apresentados durante o evento, material este que já se encontra no prelo da Editora da Universidade/UFRGS, com previsão de lançamento para julho de 2000.

FRONTEIRAS DO MILÊNIO

Dentro das atividades de 1999, a Comissão 500 Anos também apoiou o ciclo de conferências: “Fronteiras do Milênio – Repensando Temporalidades”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em História e pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados. Entre os dias 15 de setembro e 23 de novembro de 1999, diversos pesquisadores brasileiros e estrangeiros proferiram palestras e cursos sobre temas contemporâneos importantes para o ofício do historiador. Os ministrantes foram François Hartog (EHESS, Paris), Ria Lemaire (Universidade de Poitiers), Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha), Beatriz Sarlo (Universidade de Buenos Aires), Jacques Lenhardt (EHESS, Paris), Flávio Aguiar (Universidade de São Paulo), Fernando Catroga (Universidade de Coimbra) e Roger Chartier (EHESS, Paris).

A HISTÓRIA NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

História em quadrinhos é uma peculiar combinação de imagens visuais com textos que, numa seqüência, cumprem distintas funções cognitivas. Sendo uma produção ao mesmo tempo literária e artística, capaz de disseminar-se ao grande público, mais que qualquer outra forma de criação, a história em quadrinhos tem sido um tema negligenciado pelas ciências sociais em geral, e pela história em particular.

Procurando atingir o grande público interessado nos *comics*, a Comissão 500 Anos programou duas atividades relacionadas à história em

quadrinhos: a exposição temática *O tempo na história em quadrinhos*, que se realizou na Sala Fahrion do Prédio da Reitoria da UFRGS, de 17 de setembro a 8 de outubro de 1999, e o seminário internacional *Visões de história nos quadrinhos*, apresentado na Casa de Cultura Mario Quintana, de 25 a 28 de outubro de 1999.

A exposição foi executada pela equipe técnica do Museu Universitário e constou do programa Unicultura, da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. A dimensão temporal foi o tema de *O tempo na história em quadrinhos*, apresentada em quatro blocos: o *passado* mitificado, em que os ideais desabrochavam; o *presente* cinzento e opressivo, dominado pela luta pela sobrevivência; um *futuro* de realização da desesperança, no qual apenas os mais fortes ou os mais cínicos podem vencer; e, finalmente, a própria *negação do tempo*, paradoxalmente uma combinação dos três tempos anteriores, deslocada para fora de nosso mundo.

Na unidade “O Passado Condena”, foram apresentadas cinco diferentes interpretações dos tempos que nos precederam: a) Passado Idealizado (*Príncipe Valente*, de Foster); b) Passado Transtornado (*Lobo solitário*, de Koike e Kojima); c) Passado Satirizado (*Asterix, o gauleês*, de Goscinny e Uderzo); d) Passado Latino-Americano (*Alvar Mayor*, de Trillo e Enrique Breccia); e e) Passado Brasileiro (*Pesadelos paraguaios*, de Toral).

Nos quadros que compuseram “Que Viva o Presente”, também são apresentadas as visões dos dias atuais por cinco quadrinistas: a) O Presente é uma Longa Aventura (*Corto Maltese*, de Pratt); b) O Presente é Sexo, Drogas e Rock 'n' Roll (*Valentina*, de Crépax); c) O Presente Cotidiano é Opressivo (*New York, a grande cidade*, de Eisner); d) O Presente Está Fora do Lugar (*Macanudo Taurino*, de Santiago); e e) O Presente Está em Liquidação (*Piratas do Tietê*, de Laerte).

Igualmente, cinco diferentes antecipações do porvir compuseram a unidade seguinte, “O Futuro Pós-Moderno”: a) O Admirável Mundo Novo (*Ficcionário*, de Altuna); b) A Longa Viagem Começa no Prata (*El Eternauta*, de Osterheld e Alberto Breccia); c) O Futuro Termina no Passado (*Bloodstar*, de Corben); d) O Passado Termina no Futuro (*Os imortais*, de Bilal); e e) O Futuro Dispensa o Homem (*Era metalzónica*, de Mills e O'Neil).

Completando a exposição, foram apresentadas cinco obras caracterizadas por se situarem “Fora do Tempo, e no Espaço”, relativizando a existência de um tempo histórico: a) Terráqueo Defensor dos Mundos (*Flash Gordon*, de Raymond); b) Alienígena Defensor da Terra (*O Surfista Prateado*, de Stan Lee e Moebius); c) Capitalismo e Pilantras Side-rais (*O Incal*, de Jodorowsky e Moebius); d) Entre os Mundos e os Deu-

ses (*El Mono Rey*, de Manara); e e) Sem Mundos e sem Deuses, *la Nave Va* (*Morbus Gravis*, de Serpieri).

SEMINÁRIO INTERNACIONAL *VISÕES DE HISTÓRIA NOS QUADRINHOS*

O seminário internacional *Visões de história nos quadrinhos*, promovido em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, consistiu em três mesas-redondas que discutiram temas históricos trabalhados por diferentes especialistas na arte sequencial. Foi dirigido a universitários, preferencialmente aos estudantes de História, Ciências Sociais, Letras, Comunicação Social e Artes Visuais, estando aberto ao público em geral. Os “500 anos” ensejaram uma série de projetos e eventos objetivando reflexões sobre as múltiplas facetas do processo histórico, e a escolha das mesas enquadra-se nesta concepção geral.

Os cortes temporais propostos – as aventuras da conquista, um passado colonial que deixou uma amarga herança aos latino-americanos em geral e a afirmação do Império do Brasil como Estado nacional com pretensões continentais, ainda que à custa de sofrimentos incalculáveis a seus súditos e do virtual extermínio do inimigo – se associam indelevelmente à forma crua, sombria e pessimista como os autores trabalharam esses temas, produzindo impacto emocional suficientemente intenso para que jamais se pense com neutralidade e distância sobre os mesmos.

Na primeira mesa-redonda, “Histórias da História Americana”, foram discutidas as diversas publicações – 25 álbuns, por vários artistas gráficos e roteiristas – que compõem a série *Relatos del Nuevo Mundo*, produzida na Espanha por ocasião das comemorações dos 500 anos do descobrimento da América. A mesa-redonda consistiu na conferência do artista gráfico e professor Elenio Pico, de Buenos Aires, tendo como debatedores o também desenhista e professor de Educação Rodrigo Nuñez (UFRGS) e o professor de História Eduardo Neumann (UFRGS). Os principais aspectos ressaltados pela mesa foram: a) a heterogeneidade do material publicado sobre as aventuras e desventuras dos descobrimentos, tanto do ponto de vista artístico como de interpretação histórica; b) a grande potencialidade que apresentam as histórias em quadrinhos do ponto de vista pedagógico, especialmente em relação ao ensino da história, em geral encarado como árido e cansativo pelas crianças do Ensino Fundamental; c) o predomínio ainda de uma *histoire événementielle* nas versões quadrinizadas publicadas para o grande público.

A segunda mesa-redonda, “Rupturas da Ordem Colonial”, discu-

tiu as histórias de *Alvar Mayor*, um aventureiro que percorre boa parte do mundo colonial espanhol, criação dos argentinos Carlos Trillo e Enrique Breccia nos anos 80. Foram debatedores os artistas gráficos Edgar Vasques e Eloar Guazzelli Filho, e o professor de História Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (UFRGS). Nos debates foram destacadas algumas questões fundamentais: a) a presença do herói individual, que corajosamente enfrenta as adversidades e os poderosos com pouco ou nenhum auxílio; b) apesar de não ser explícita, a superioridade do homem branco aparece mesmo naqueles lugares e situações que conformavam o ambiente natural dos ameríndios; c) a denúncia das violências, arbitrariedades e assimetrias sociais que caracterizavam as possessões coloniais da Espanha; d) a valorização das lendas e relatos fantásticos, de acordo com o universo mítico de colonizadores e aborígenes; e) a importância que temas históricos latino-americanos tiveram para os autores da Argentina, fato pouco observado no caso do Brasil.

Na última mesa, “Imagens de um Genocídio”, o quadrinista, antropólogo e historiador André Toral apresentou o seu trabalho *Adeus chami-go brasileiro*, uma história em quadrinhos que resultou da pesquisa iconográfica realizada para sua tese de doutorado em História. Fizeram parte dessa mesa-redonda o artista gráfico Santiago e o professor de História Fábio Kühn (UFRGS). As principais discussões giraram em torno dos seguintes eixos: a) as visões distorcidas da Guerra do Paraguai, tanto da historiografia tradicional quanto daquela produzida pelos revisionistas como crítica à primeira; b) a fetichização de vultos e heróis, dada a importância que a guerra apresentou num momento crítico da construção dos Estados nacionais na América Latina; c) a importância significativa da imprensa, tanto brasileira quanto paraguaia, na propaganda dos interesses de cada país não apenas para aqueles que estavam nos campos de batalha, como também para os que acompanhavam o conflito a distância; d) a profusa iconografia – desenhos, pinturas e fotografias – que permite aos estudiosos de hoje uma mais rica tentativa de reconstrução do passado.

Essas tentativas de abordagem da história em quadrinhos, trazendo simultaneamente os prismas dos historiadores e dos artistas gráficos, eram inéditas em nosso meio e entusiasmaram os participantes no sentido de aprofundarem o tema.

CICLO DE CINEMA: CINEMA E A HISTÓRIA DO BRASIL

O presente ciclo teve como objetivo discutir questões ligadas à relação entre cinema e história do Brasil, destacando as possibilidades da pro-

dução cinematográfica como discurso sobre a história ou *representação* do passado, avaliando o conteúdo histórico dos filmes à luz do conhecimento atual, além de temas e debates afins, pois o segmento de filmes históricos cresceu consideravelmente nestes últimos anos. O cinema tem-se apresentado como um importante instrumento de difusão da história, ampliando os espaços de discussão e reflexão de temas nacionais.

Neste sentido, obras recentes e menos comprometidas com a ótica oficial têm recuperado momentos da história do Brasil, estimulando o debate sobre a diversidade cultural e regional do País.

A atividade ocorreu entre os dias 29 de setembro e 1º de outubro de 1999, nas dependências do Cinema Universitário, numa promoção conjunta do Departamento de História, da Comissão 500 Anos, da Pró-Reitoria de Extensão e da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS. Ao longo dos três dias foram exibidos filmes de produção nacional que apresentavam como temática um fato histórico. Após a projeção, um especialista no tema esteve encarregado do comentário sobre o filme e de conduzir o debate com o público presente.

Os filmes exibidos foram: *Tiradentes*, produção de Oswaldo Caldeira em 1998; *Polícarpo Quaresma*, de 1998, dirigido por Paulo Thiago; e, por fim, *For all – trampolim da vitória*, de 1997, com direção de Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz.

REPENSANDO A HISTÓRIA DO BRASIL

O seminário *Repensando a história do Brasil* inseriu-se entre as atividades previstas pela Comissão 500 Anos para o ano de 1999, tendo ocorrido no Anfiteatro do ILEA, de 24 a 26 de novembro. Não tendo intuito comemorativo, mas sim reflexivo, o seminário (consistindo de três conferências) trouxe a Porto Alegre pesquisadores que se caracterizam pelo caráter inovador e renovador de seus trabalhos. Como sinal dos tempos, o evento, que discutiu três momentos essenciais do processo histórico brasileiro, reuniu investigadores de áreas do conhecimento atualmente mais afeitas à história, em especial a antropologia. Esperando, com isso, contribuir para o necessário e saudável hábito da convivência interdisciplinar, fundamental nas pesquisas em ciências sociais e humanas.

O primeiro conferencista do seminário foi o professor doutor José Otávio Catafesto de Souza, do Departamento de Antropologia da UFRGS, que abordou “a questão indígena na formação do Brasil”, tendo como debatedor o professor Eduardo Neumann. Conhecido pela defesa dos povos

indígenas, o professor Catafesto fez uma retrospectiva da formação histórica brasileira, a partir da ótica autóctone, demonstrando a incrível capacidade de resistência dos indígenas brasileiros, que, “apesar dos 500 anos”, ainda sobrevivem e lutam pela sua preservação física e cultural.

O segundo conferencista foi o professor doutor João Luís Fragoso, professor titular no Departamento de História da UFRJ. Como debatedora, participou a professora doutora Helen Osório, do Departamento de História da UFRGS. Fragoso pode ser considerado o expoente da *nova história econômica* brasileira, sendo doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (1990). Na sua obra mais relevante, *Homens de grossa aventura* (1992), Fragoso apresenta uma visão completamente inovadora do passado colonial brasileiro, concentrando sua atenção nos séculos XVIII e XIX (especialmente a primeira metade). Suas pesquisas quantitativas demonstraram, através da análise de centenas de inventários e milhares de escrituras públicas, a preeminência econômica de um grupo de elite, formado fundamentalmente por grandes comerciantes. Ao contrário da propalada ascendência da elite latifundiária, verifica-se o poderio desse grupo mercantil, que monopoliza as principais atividades econômicas coloniais, gerando uma poderosa acumulação endógena de capitais. Desta forma, o Brasil colonial não é visto somente como uma grande *plantation* dependente do mercado externo: mesmo que muitas das atividades da elite mercantil estivessem vinculadas ao mercado externo, os lucros decorrentes dessas transações não eram transferidos à metrópole, mas internalizavam-se na colônia, dinamizando a economia interna. No entanto, essa acumulação, em vez de possibilitar um desenvolvimento capitalista no Brasil, encaminhou-se no sentido inverso, quando, nos princípios do século XIX, verificou-se a montagem da agroexportação cafeeira de base escravista. A explicação desta aparente involução fundamenta-se no caráter não-capitalista da economia e da sociedade brasileira: as relações de trabalho compulsórias e a mentalidade aristocrática da elite mercantil, que reinvestia seus lucros em atividades rentistas e também na agricultura escravista, reafirmando o ideal de não-trabalho (em outras palavras, o preconceito ao trabalho manual) herdado da colonização portuguesa.

Finalmente, o terceiro conferencista foi o professor doutor Celso Castro, pesquisador do Centro de Pesquisa em História Contemporânea (CPDOC) da FGV/RJ, tendo como debatedor o professor Luís Alberto Grijó, do Departamento de História da UFRGS. Celso Castro é doutor em Antropologia pelo Museu Nacional (1995) e especialista na área de antropologia política. Sua principal obra, *Os militares e a República*

(1995), traz uma interpretação que renova o entendimento sobre o golpe militar de 15 de novembro de 1889, que inaugurou o regime republicano no Brasil. Não aceitando a visão simplista que vê a queda da monarquia como decorrência da insatisfação do Exército, Castro efetua uma verdadeira *etnografia* dos grupos militares brasileiros durante o século XIX. Suas pesquisas evidenciaram a atuação de um grupo de jovens oficiais, socializados na Escola Militar da Praia Vermelha e profundamente influenciados pelas doutrinas cientificistas então em voga (uma delas sendo o positivismo). Foi esse pequeno grupo de ativistas que viabilizou o golpe militar de 1889, e não o Exército como um todo. Tampouco pode-se vincular a ação política desse grupo à atuação dos *republicanos civis*, que tiveram limitada importância na articulação do golpe de Estado. Iniciava-se, com a proclamação da República, uma prolongada ingerência dos militares na política brasileira, que culminou no golpe de 1964.

Repensar a história do Brasil significa, entre outras “descobertas” deste fim de milênio, reconhecer novos sujeitos atuantes na sociedade colonial (os indígenas), questionar a estrita dependência colonial brasileira (bem como suas consequências) e rever as idiossincrasias do processo de transição do regime monárquico imperial para o republicano oligárquico.

CURSO DE EXTENSÃO: HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

A Comissão 500 Anos também promoveu uma série de cursos de extensão versando sobre a história do Rio Grande do Sul, sendo que a tônica foi a preocupação com a revisão historiográfica e atualização bibliográfica. Ao todo, realizaram-se três cursos de extensão, ministrados entre março de 1999 e junho de 2000 por Helga Iracema Landgraf Pico-Illo, professora emérita do Departamento de História da UFRGS, e uma das maiores especialistas atuantes na área de história do Rio Grande do Sul: A historiografia sul-rio-grandense do período colonial (1º módulo); O Rio Grande do Sul no século XIX: da descolonização à consolidação da República – revisão historiográfica (2º módulo); A República no RS: revisão historiográfica (3º módulo). Desnecessário dizer que todos os três cursos tiveram elevada procura por parte da comunidade acadêmica, evidenciando a pertinência das atividades promovidas e executadas pela professora Helga, formadora de diversas gerações de pesquisadores e professores na UFRGS.

PORTO ALEGRE NOS SÉCULOS XVIII E XIX: HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

De 21 a 23 de março de 2000, durante as comemorações da XXX-XIª Semana de Porto Alegre, ocorreu o seminário *Porto Alegre nos séculos XVIII e XIX: história e arqueologia*, com palestras proferidas por pesquisadores cujos trabalhos dizem respeito aos primórdios da cidade até meados do século XIX. Esse evento insere-se na proposta e tentativa de retomar os debates a respeito da formação de Porto Alegre e preencher as lacunas existentes na historiografia.

A arqueologia histórica, campo de pesquisa em crescimento no Brasil, tem contribuído com a divulgação de novos dados a partir da elaboração de sínteses sobre a temática colonial. Esse campo de conhecimento vem apresentando resultados bastante promissores, pois, além de fornecer subsídios, está, acima de tudo, reinterpretando fatos já conhecidos. Assim, as interfaces entre a arqueologia e a história têm contribuído para renovar o interesse pelos temas coloniais.

Concomitante ao evento, realizado nas dependências do Museu José Joaquim Felizardo, estava organizada uma exposição arqueológica e museológica com o material do acervo e das pesquisas arqueológicas provenientes das escavações no Morro Santana, atividade realizada pelos pesquisadores vinculados ao referido museu. Após as comunicações, procedeu-se à rodada de debates com o público presente.

O objetivo do seminário era divulgar os resultados das pesquisas históricas e arqueológicas desenvolvidas recentemente sobre os primeiros povoadores ibero-americanos que ocuparam o território *alecriportensis* e áreas limítrofes no período colonial. Essa foi mais uma promoção conjunta da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre e da UFRGS, através do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.¹

No dia 21 de março, após a solenidade de abertura do seminário e da exposição, foram apresentadas as comunicações: *Da Estância de Sant'Ana a Porto Alegre*, pelo professor Eduardo Neumann (UFRGS); *Os Campos de Viamão e as origens de P. Alegre*, pelo professor Fábio Kühn (UFRGS); e *A guarda velha de Viamão*, pelo professor André Jacobus (Marsul).

Em 22 de março, foram proferidas as seguintes palestras: *Buscando vestígios arqueológicos de ocupações no Morro Santana*, pelo professor Claudio Batista Carle; *A Rua da Praia no século XVIII*, pela professora Maria Luiza Martini (UFRGS); e *A construção do espaço urbano de meados do século XVIII a meados do século XIX*, por Luiz Felipe Escosteguy.

Finalmente, em 23 de março, foram apresentados os trabalhos: *Ar-*

queologia urbana de P. Alegre: um breve panorama, pela professora Fernanda Tocchetto (Museu Joaquim José Felizardo/SMC); *Consumo e hábitos domésticos do século XIX: o solar Lopo Gonçalves*, pelo arqueólogo Luis Claudio Symansky (Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia – UCG); e *As paisagens da cidade: arqueologia da área central de Porto Alegre no século XIX*, por Beatriz Valadão Thiesen.

EXPOSIÇÃO – BRASIL: 500 OU 15.000 ANOS DE HISTÓRIA?

A exposição, inaugurada em abril de 2000 nas dependências do IFCH, pretendeu mostrar e salientar as diferentes ocupações humanas no Estado do Rio Grande do Sul, os conflitos étnicos na conquista do território, as relações sociais de dominação e resistência entre os diversos colonizadores e seu legado para a caracterização do povo gaúcho atual. O caráter itinerante da exposição permitiu que ela fosse exposta em diversos locais, principiando pelas diferentes unidades da Universidade, e posteriormente pelo agendamento com escolas públicas e particulares.

A exposição, promovida pelo IFCH e pelo Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia, compreendeu três módulos. No primeiro módulo, pretendeu-se dar uma visão da ocupação humana pré-colonial através do destaque de dois momentos: primeiro, quando ocorre a precursora onda migratória ao Estado, o qual é conquistado e ocupado pelos caçadores-coletores da tradição umbu; e o segundo, pela expansão dos grupos horticultores guarani, destacando-se as relações interétnicas dos diferentes povos que ocuparam nosso estado no período pré-colonial.

O segundo módulo enfatizou a terceira onda migratória e conquistadora do Estado; o colonizador europeu. Sua trajetória na conquista e dominação do Estado através dos séculos. Foi dado destaque aos acontecimentos mais relevantes de cada século para a constituição histórica sul-rio-grandense, como, por exemplo, o estabelecimento das reduções jesuíticas, a fundação da Colônia de Sacramento e as guerras de fronteiras, a extinção dos charruas e minuanos que resistiram à dominação européia, a colonização alemã e italiana e os conflitos com os caingangue e a situação atual dos remanescentes indígenas e suas reservas.

O terceiro módulo visou resgatar a rica herança indígena (churrasco, chimarrão, guaiaca, chiripá, boleadeira, entre outros) e do coloniza-

dor europeu (a introdução de novos frutos e hábitos alimentares, por exemplo) e como todos estes aportes foram incorporados aos trajes e hábitos do gaúcho moderno.

CURSO DE EXTENSÃO: HISTÓRIA DO BRASIL – NOVAS TENDÊNCIAS

Também foi promovido pela Comissão 500 Anos o curso de extensão História do Brasil – novas tendências, realizado no Anfiteatro do ILEA entre os dias 27 de abril e 25 de maio de 2000. Os principais objetivos desse curso foram apresentar ao público interessado (acadêmico ou não) as recentes transformações ocorridas na área de história do Brasil, bem como aproveitar a oportunidade do Quinto Centenário para a realização de uma discussão crítica sobre os avanços da historiografia brasileira. A programação foi desenvolvida ao longo de cinco módulos de quatro horas-aula, compreendendo os seguintes temas e ministrantes: professor Fábio Kühn: “A historiografia recente sobre o período colonial brasileiro”; professora Regina Xavier: “História da escravidão e da liberdade no Brasil: novos estudos”; professora Helga Picollo: “O Brasil Império: revisão historiográfica”; professor Renê Gertz: “A República no Brasil: história e historiografia”; professora Sandra Pesavento: “História do Brasil: novas tendências”.

EXPOSIÇÃO: *O DESCOBRIMENTO DO BRASIL*

A Comissão 500 Anos, juntamente com o IFCH e o Museu Universitário, promoveu também a exposição *O descobrimento do Brasil*, inaugurada no mês de maio de 2000, no novo prédio da FAURGS, situado no Campus do Vale/UFRGS. A exposição é composta por uma série de painéis alusivos aos primeiros contatos entre portugueses e ameríndios no atual território brasileiro e foi doada à Comissão 500 Anos pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

MEMÓRIAS E DESCOBRIMENTOS: 500 ANOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA NO BRASIL

O VII Congresso de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, promovido pela Escola Superior de Educação Física (ESEF) da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizou-se em Gramado (RS), de 29 de maio a 1º de junho de 2000. Esse congresso teve um caráter especial, uma vez que comemorou a passagem do 60º aniversário da ESEF e a fundação do seu Centro de Memória do Esporte e Estudos Olímpicos. *Memórias e descobrimentos: 500 anos de história da educação física, esporte, lazer e dança no Brasil* marcou também os 500 anos do descobrimento do Brasil, debatendo e refletindo sobre aspectos significativos da cultura corporal, lúdica e esportiva brasileira desde suas raízes pré-coloniais até a era da globalização.

NOTA

1. Convênio de Cooperação Técnica e Apoio Recíproco, vinculado ao Protocolo de Cooperação assinado em 25/3/1997, entre a UFRGS e o município de Porto Alegre, denominado "Primeiros povoadores de Porto Alegre: arqueologia e história".